



A representação não definiu: “*Sexe et mensonges*” e as denúncias contra a miséria sexual no Marrocos

**Karine Souza¹
Miriam Adelman²**

RESUMO:

Este trabalho busca apresentar ao público brasileiro a obra “Sexo e mentiras” da escritora franco-marroquina, Leïla Slimani. A obra em questão trata da vivência da sexualidade no Marrocos, tendo como parte mais importante de sua constituição o relato de mulheres que viviam no país em meados de 2015. Um resumo da obra, ainda sem tradução para o português, será apresentado, bem como uma breve análise de alguns dos aspectos constitutivos da mesma. Para isso, nos valeremos das teorias de Spivak (2010) acerca do lugar de enunciação e da representação de mulheres ditas subalternas, e da teoria do Orientalismo cunhada por Said (2007). Utilizaremos também as obras das sociólogas Mernissi (1996) e Adelman (2007) para enriquecer a nossa análise.

PALAVRAS-CHAVE:

Sexualidade;
Marrocos;
Representação feminina;

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: souzakarine65@gmail.com

² Mestrado (M.Phil) em Sociologia - New York University (1990) e doutorado pelo programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). É professora associada do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PGSOCIO), do Programa de Pós-graduação em Letras (PGLTRAS, área de Estudos Literários) e o Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná e co-coordenadora do Grupo de Pesquisa de Mulheres e Produção Cultural, da UFPR, assim como co-fundadora do Núcleo de Estudos de Gênero/UFPR, núcleo interdisciplinar que atua nessa instituição desde 1994. E-mail: miriamad2008@gmail.com

“O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso na lista de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.” (SPIVAK, p. 126)

1 Introdução

Em seu ensaio “Pode o subalterno falar?”, Gayatri Spivak faz uso da descrição e discussão acerca da prática de imolação de algumas viúvas indianas, denominada *Suttee*, como exemplo da violência epistêmica empreendida por intelectuais contra mulheres não-ocidentais ou provenientes do assim chamado “Terceiro Mundo”. O exemplo analisado por Spivak evoca a ação colonizadora de um dos grandes impérios modernos – o britânico – cimentando a “essencialização” de práticas culturais mal compreendidas (ADELMAN, 2007) e contribuindo para o aprisionamento do Outro em uma representação limitante. Como o estudo pioneiro acerca do Orientalismo de Edward Said nos permite perceber, há ainda outros dois grandes impérios ocidentais agindo de maneira muito parecida no oriente, repetindo de maneira muito próxima as mesmas formas de violência, a partir (e dentro) das quais toda uma intelectualidade foi construída.

Não nos prolongaremos na discussão acerca do exemplo trazido por Spivak em seu texto, embora ele seja bastante complexo e ofereça suficientes minúcias para se debruçar sobre. Buscaremos, na verdade, aproximar os argumentos de Spivak do trabalho feito por Leïla Slimani ao escrever o livro “*Sexe et mensonges – La vie sexuelle au Maroc*” em 2017. Neste caso nos aproximamos do contexto colonial francês, no lugar do britânico, mas não nos afastamos do escopo de Spivak no que se refere à violência epistêmica empreendida contra mulheres não-ocidentais.

Inicialmente, neste artigo, faremos uma breve apresentação da obra literária da autora, apontando o trajeto percorrido até chegar à obra que é nosso objeto de análise. Em seguida, traremos ao texto alguns teóricos que acreditamos contribuir para uma melhor compreensão do contexto em que a obra se insere. Em um momento subsequente, um resumo de algumas das discussões mais relevantes abordadas no ensaio será feito, um dos desdobramentos da obra também será sintetizado e apresentado aos leitores. Aproveitando, por fim, o argumento de alguns teóricos já citados no decorrer do trabalho, como Said (2007) e Spivak (2010), lançaremos uma discussão acerca da relevância e pertinência desse ensaio para alimentar discussões dos estudos feministas e pós-coloniais. Cabe às considerações

finais um último reforço de nossa intenção com esta produção e uma breve retomada de contribuições relevantes da obra da autora estudada.

2 A trajetória de Slimani

Leïla Slimani é uma escritora franco-marroquina de expressão francesa, nascida em Rabate, no Marrocos. Na França, país onde vive atualmente e com o qual sempre possuiu uma relação devido à ascendência materna, goza de um reconhecimento e de um papel importantes no momento, tanto no universo literário, quanto no cenário político francês. Escreveu e lançou dois romances entre a sua estreia literária e o ano de 2019. “No jardim do ogro”, narrativa cuja protagonista se chama Adèle, uma mulher adúltera que tenta equilibrar o universo das aparências de seu matrimônio e a vida que leva às escondidas, fruto de uma dependência sexual. Essa obra rendeu a Slimani, em 2014 – ano de seu lançamento –, algum reconhecimento e prestígio literário. Todavia, foi com “Canção de Ninar”, sua segunda obra romanesca que acaba de ser adaptada para o cinema, que ela conquistou verdadeiro reconhecimento internacional.

“Canção de Ninar” narra o assassinato de duas crianças por sua babá. Com uma premissa que poderia aproximá-lo de um romance investigativo, a narrativa vai revelando sua complexidade gradualmente, afastando-se, ao mesmo passo, do gênero policial. Inspirado inicialmente por um caso de homicídio ocorrido nos Estados Unidos, a ficção aborda os conflitos de classes e suas tensões no âmbito privado. A relação mais explorada no desenrolar da narrativa é a estabelecida entre babás e pais, ou empregadas e empregadores; os segundos normalmente pertencentes à classe média francesa, enquanto as primeiras geralmente provenientes de classes menos privilegiadas, e, frequentemente, imigrantes. Foi através dessa obra que Slimani recebeu o prêmio Goncourt, tornando-se a mulher mais jovem e também a primeira mulher marroquina a receber tal condecoração. Esse foi, sem dúvidas, um motivo para que ela conhecesse igual prestígio em seu país de origem, mas não o suficiente para que sua obra, globalmente ácida e subversiva para os padrões morais conservadores, fosse bem recebida unanimemente.

Em turnê para a divulgação de seu romance de estreia no Marrocos, o “No jardim do ogro”, Slimani acaba tendo contato com uma recepção talvez inesperada: nem grandes entusiastas acrícos, tampouco

conservadores ultrajados com a ousadia dessa mulher de tomar para si o direito às palavras, mas outras mulheres ávidas por compartilhar suas experiências. Marroquinas que se sentiram de alguma forma representadas através de Adèle, a personagem francesa, de classe média, habitante da cidade luz. Mulheres que enxergaram nas tensões muitas vezes extremadas da narrativa de adultério suas próprias dores. Cidadãs que identificaram em sua compatriota expatriada um olhar atento, minucioso, perceberam nela uma capacidade de compreensão de uma conjuntura social frequentemente ignorada, mas presente na vida de todos ali naquele reino, pairando sobre eles como uma sombra, e uma capacidade para transpor essas questões em uma narrativa ficcional que parece tratar, *a priori*, de qualquer outra coisa, menos disso.

É a partir dessa recepção que surgirá a obra ensaística que Slimani lança em 2017. Na introdução do livro “*Sexe et mensonges – La vie sexuelle au Maroc*”, a escritora franco-marroquina nos explica seu projeto, adiantando algumas das referências que povoam a construção da obra, e nos fazendo igualmente compreender como surgiu a necessidade de escrita do livro, e o porquê do formato escolhido para compartilhar os relatos nele contidos. A autora abre um espaço para que as mulheres marroquinas possam narrar a si mesmas. A grande maioria dos capítulos do livro – pois, como iremos explicar em detalhes mais à frente, ele é dividido em vários capítulos – está até mesmo grafada em itálico, ou seja, formatada de modo a deixar evidente que as palavras das voluntárias foram transcritas *ipsis litteris* nisto que iremos chamar de uma “coletânea de testemunhos”, por falta de termo melhor. Após falar sobre as circunstâncias nas quais os relatos começaram a ser coletados, Slimani precisa:

“Meu objetivo aqui não é escrever um estudo sociológico, nem fazer um ensaio sobre a sexualidade no Marrocos. Sociólogos distintos e excelentes jornalistas já fazem esse trabalho tão difícil. Eu gostaria, na verdade, de distribuir essa palavra bruta. Esse discurso vibrante e intenso, essa história que me perturbou, emocionou, que me encolerizou e, por vezes, me revoltou. Eu tive vontade de fazer essas porções de vida, muitas vezes dolorosas, serem ouvidas por uma sociedade onde muitos homens e mulheres preferem desviar o olhar. Me contando suas vidas, aceitando quebrar tabus, todas essas mulheres me sinalizaram uma coisa: a vida delas tem importância. Elas contam e devem contar. Através de suas confidências, elas quiseram sair, ao menos por algumas horas, de seu isolamento, e convidar outras mulheres a tomarem consciência do fato de que elas não estão sozinhas. É neste ponto que essas vozes são políticas, engajadas e emancipadoras. (...) porque ela (Sherazade) retoma seus direitos na narrativa, ela deixa de ser somente objeto para se tornar

sujeito da história. As mulheres devem reencontrar o meio de se impor em uma cultura que é refém de religiosos e do patriarcado. Tomando a palavra, narrando a si mesmas, elas usam uma das armas mais poderosas contra o ódio e a hipocrisia generalizada: as palavras.” (SLIMANI, 2017, p. 6. Tradução nossa)

Nesse trecho, mais do que uma tentativa de explicitar que, apesar de seu caráter sociológico, o trabalho em questão não ambiciona ser compreendido nem como um estudo, nem como uma reportagem de denúncia sobre a sexualidade marroquina, a autora posiciona-se politicamente, asseverando a sua crença no poder da palavra (no francês “parole”, podendo ser entendida também como discurso) e na necessidade das mulheres se apossarem desse instrumento de poder. Slimani se vale da interpretação da socióloga Fatima Mernissi a respeito da personagem Sherazade – personagem marcante da cultura oriental, muito conhecida no Ocidente por conta do erotismo contido nos contos de “As mil e uma noites” – como analogia para a necessidade das mulheres de narrarem a si mesmas e de, sobretudo, tornarem-se indivíduos nessas sociedades.

3 Filiação e requisição do direito à narrativa

Fatima Mernissi não só é referenciada como também aparece na dedicatória da obra de Slimani, dados reveladores da importância da socióloga como influência para a autora. Além de uma grande referência intelectual da área sociológica, Mernissi foi uma feminista que dedicou boa parte de sua obra às mulheres de seu país, a descrevê-las, a buscar entender suas condições de vida e a celebrá-las. Seu livro autobiográfico “Sonhos de transgressão – Minha vida de menina num harém” (1996), para além de narrar as memórias de uma Mernissi menina, é uma verdadeira ode a todas as mulheres que lhe influenciavam e enchiam a sua infância de referências, de inspirações, mas muitas vezes também de angústias e de questionamentos acerca do mundo que se desvendava para ela. As mulheres de sua infância – prima Chama, tia Habiba, a avó Yasmina, a mãe, dentre outras – ajudaram-na a compreender o mundo que se desvelava como um vasto espaço capaz de abarcar muita magia, mas também severa hostilidade para com as mulheres marroquinas.

A socióloga conta da opressão sofrida pelas mulheres no harém onde cresceu, um harém doméstico – ou seja, um harém habitado por uma família extensa; avós, filhos e netos – em Fez na década de 40. Conta igualmente sobre como elas se

organizavam para lutar contra a opressão dentro do espaço privado, sobre como organizavam suas forças para continuarem fazendo aquilo que tinham vontade – mesmo que isso se limitasse a decidir o que tomar no seu café da manhã, ou se mascarariam ou não chicletes vindos do Ocidente (MERNISSI, 1996) – ainda que parte disso fosse feito às escondidas. Narra também as longas discussões que essas mulheres tinham acerca do sonho de igualdade e de “liberação” feminina, inspiradas por outras mulheres de grande envergadura no Egito.

Estar atenta às implicações da colonização francesa no norte da África, fator social que foi plano de fundo de toda a sua infância, bem como as lutas das mulheres de seu país contra as injunções patriarcais, é um grande mérito da obra de Mernissi. “Sonhos de transgressão” é, em resumo, um quadro coletivo e histórico onde se inserem suas lembranças de vida, através das descobertas de um mundo que ainda estava querendo ser compreendido por ela. Como é dito por Adelman (2007) “O livro de Mernissi apresenta claras evidências de trocas – complexas, produtivas, por vezes contraditórias – entre culturas e discursos femininos e feministas, de diversas partes do globo” (p. 394). A socióloga foi uma das precursoras de uma escrita consciente do entrecruzamento dos estudos coloniais e dos estudos feministas, até então estudados pela academia separadamente.

Mernissi nos mostra, através de uma reconstituição de vivências da infância que mesclam o universo quase onírico da inocência pueril a conflitos internacionais e questões políticas, que há uma história de feministas árabes muito mais antiga do que se imagina. Além dessa obra comovente, que passeia entre o gênero autobiográfico e o de uma prosa poética, Mernissi escreveu muitos outros livros de cunho sociológico, dentre eles “Beyond the veil”, obra voltada para a investigação das dinâmicas entre homens e mulheres no mundo muçulmano.

Nesses termos, não podemos pensar a obra de Slimani sem conhecermos o que a precede. O empreendimento social da romancista surge como uma sucessão e, não menos, uma celebração da importância da obra de sua antecessora. Essa filiação intelectual não só enriquece a obra, como constitui a busca por dar continuidade a um combate de grande importância para as mulheres marroquinas: a quebra de um silenciamento histórico, devido não somente a estruturas patriarcais, mas também à dominação das narrativas ocidentais acerca do Oriente.

Em “Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente” (2007), Said lança uma luz sobre a relevância da representação para os jogos de poder e de dominação quando comenta a relação entre Flaubert e uma cortesã egípcia. Segundo o autor, essa relação produziu um modelo amplamente influente da mulher oriental (SAID, p. 33), cuja característica principal é o seu silenciamento: ela nunca pôde representar suas emoções ou a sua própria história. O direito de fazê-lo é dele: o homem

ocidental é quem irá falar pela mulher oriental, e somente a ele cabe representá-la, colocando-a, naturalmente, dentro do espectro daquilo que é “tipicamente oriental”. Para o teórico, com quem estamos de acordo, esse exemplo não é um caso isolado, e sim a representação do “(...) padrão de força relativa entre o Leste e o Oeste, e o discurso sobre o Oriente que esse padrão tornou possível.” (SAID, p. 33).

Se o caso de Flaubert não é um caso isolado, as obras e a requisição do direito a uma narrativa própria encabeçadas, inicialmente, por Mernissi, e agora por Slimani, são salutares para a retomada da palavra pelas mulheres marroquinas. É certo que o caminho para que essas mulheres tenham, de fato, a possibilidade de se expressarem e de serem ouvidas ainda é longo, mas, de todo modo, é importante que tenhamos alguns exemplos como o dessas autoras como base para uma mudança mais efetiva.

4 Aproximando-nos do “Sexo e (das) mentiras”

O livro ensaístico é subdividido em dezoito capítulos. Com exceção de dois deles, todos os demais possuem como título um nome próprio fictício (ou não), sendo a maior parte nomes femininos. Dois capítulos possuem títulos mais longos, semelhantes a manchetes jornalísticas, sendo eles: “Uma sociedade à beira da crise de nervos: o louco verão de 2015” e “Um debate identitário: o contra-modelo ocidental”. O primeiro faz referência a uma série de acontecimentos culturais polêmicos ocorridos no verão de 2015 no Marrocos, como o lançamento do filme “Much Loved”, cujas protagonistas são prostitutas em Casablanca – que será, em seguida, censurado no país –, e o show da cantora americana Jennifer Lopez. Esse capítulo também se refere a incidentes violentos ocorridos no mesmo curto período de tempo e indiretamente ligados às polêmicas culturais, os casos violentos constituem exemplos marcantes de comportamentos homofóbicos e misóginos comuns no país. Já o segundo título é autoexplicativo, e se fundamenta justamente na criação de uma identidade muçulmana pautada por um contramodelo Ocidental, que rechaça tudo o que vem do ocidente e se constitui, sobretudo, do que lhe for oposto.

Quanto aos demais capítulos, cada um deles é constituído por um relato, e cada relato abriga em si discussões diversas. O primeiro deles é o de uma mulher de 40 anos. Slimani não a conhecia, mas foi abordada por ela em um restaurante de hotel, após um encontro dedicado à apresentação de seu romance. A mulher decide contar a ela sobre suas próprias experiências motivada pela leitura da ficção. No capítulo seguinte, algo similar se dá com uma mulher de classe média, com idade por volta dos 30 anos. Ambos os primeiros relatos vieram de mulheres solteiras. Elas irão

falar sobre as experiências que tiveram ou têm fora do casamento, sobre o absurdo das relações sexuais não-matrimoniais serem criminalizadas no país e sobre as dificuldades de viver dentro desse regime esquizofrênico. Os relatos são bem pessoais e revelam ao leitor uma realidade pouco retratada: maridos ciumentos e violentos, gravidezes consecutivas e abortos espontâneos, o culto à virgindade e à mentira, as violências psicológicas infligidas às mulheres pela própria família – ou pelo círculo social mais próximo – desde que elas passam da infância para a puberdade.

Slimani comenta sobre o caráter gregário da sociedade marroquina, como um pilar da organização social, onde fazer parte de um grupo, e, portanto, se submeter às regras do mesmo, é de extrema importância. A autora chega a dizer que há uma verdadeira dependência do grupo (SLIMANI, 2017, p. 8), e que esse primeiro pilar está diretamente ligado a um segundo: o conceito de “h’chouma”, que ela própria traduz para o francês como “honte”, ou seja, a “vergonha”. A autora se apoia no que disse Mernissi acerca da sociedade marroquina. Para elas, “A ordem e a harmonia não existem senão quando cada grupo respeita as “hubud” [as fronteiras sagradas]. Toda transgressão implica necessariamente anarquia e infortúnio.” (MERNISSI apud SLIMANI, 2017, p. 9). E Slimani acrescenta:

“O custo da transgressão é muito alto e aquele que é considerado culpado por ter atravessado as “fronteiras sagradas” é punido, como consequência, e é severamente rejeitado. As mulheres que me confiaram seus relatos vivem aquilo que vive a maior parte dos marroquinos: um combate interior muito doloroso entre a vontade de se libertar da tirania do grupo e o medo de que essa liberdade engendre o desmoronamento de todas as estruturas tradicionais sobre as quais o mundo deles está construído. (SLIMANI, 2017, p. 9. Tradução nossa.)

Através desse prisma conseguimos compreender o quão valiosos são esses relatos, posto que essas mulheres estão inseridas em um contexto social onde falar abertamente sobre essas temáticas, se não proibido, é fortemente desaconselhado. A mentira é institucionalizada e, ainda que se decida viver a liberdade sexual, a despeito da exclusão do grupo e da “h’chouma”, não se deve assumir tal escolha. Como conta Slimani, quase toda a nova geração de marroquinos não se casa antes de ter sua primeira relação sexual, mas ninguém deve falar sobre isso abertamente ou assumir que o faz. Essas mulheres, ao encontrar Slimani e contar a ela suas experiências, estão, portanto, ultrapassando diversas barreiras impeditivas, enfrentando medos profundos e requisitando, com muita coragem, uma liberdade que não lhes é naturalmente concedida. Mas isso não se dá sem dificuldade – a autora observa que muitas das testemunhas titubeiam, tornam-se equívocas em seus discursos, hesitam.

Slimani também encontra intelectuais interessados no assunto da sexualidade no contexto árabe, como a egípcia Mona Eltahawy e o cineasta Nabil Ayouch, descrevendo suas obras e alguns pontos das discussões vivenciadas por eles. Além disso, Leïla se apoia em trechos do código penal marroquino para levantar discussões acerca da temática da sexualidade, relacionando-os com grandes debates e com incidentes e estatísticas publicadas no ano de 2015. Um dos casos levantados é o de uma jovem de 16 anos que se suicidou em Larache, após ser obrigada a casar-se com um amigo de sua família que a havia estuprado. O casamento foi feito dentro do que estipula a própria lei do país, indicando que o estuproador que se casar com a mulher que tiver agredido fica livre de responder pelo crime, mais precisamente:

[...] o artigo 475 do código penal. [...] Segundo a lei, a violação de menores é punida com condenação à prisão por um período entre um e cinco anos, e uma multa de 200 a 500 dirhams (algo entre 18 e 45 euros). Mas é o resto do artigo que levanta debates: “Quando uma núbil menor de idade violada casa-se com o seu raptor, este não pode ser perseguido pela justiça a não ser sob denúncia das pessoas que possuem responsabilidade legal para solicitar a anulação do casamento, e ele não pode ser condenado antes que a anulação do casamento seja pronunciada. (SLIMANI, 2017, p. 28. Tradução nossa.)

Somente após vários protestos e revolta popular é que o artigo foi revisto e sua revogação declarada pelo governo, alguns meses depois do suicídio da jovem. A lei, como comenta Slimani, é totalmente arcaica, somente os responsáveis legais é que podem decidir se o casamento deve ser anulado ou não, ou seja, a opinião da mulher, verdadeira concernida pelo assunto, não é levada em consideração nem mesmo em casos graves como o estupro. Sem contar a possibilidade de casamento de menores, que, por isso só, já é absurda. O direito à voz e à liberdade de escolha é negado às mulheres culturalmente e essa negação é reforçada pelas leis, que institucionalizam a supressão do direito das mulheres à cidadania.

Há algumas correntes feministas que ligam a repressão vivenciada pelas mulheres de países majoritariamente muçulmanos ao Islã, atribuindo à religião a culpa pelo status desigual de homens e mulheres em tais países. Em um debate sobre religiosidade versus vida sexual livre, Slimani traz alguns aportes teóricos: “L'érotime arabe” (2014) de Malek Chebel e Fatima Mernissi com “L'Amour dans les pays musulmans” (1986) são citados. Além deles, uma contribuição muito interessante de uma pesquisadora em teologia – Asma Lamrabet – é trazida. Ela problematiza algumas leituras do Alcorão, acusando problemas de tradução como fontes de más interpretações feitas por fundamentalistas religiosos. O que Lamrabet defende, assim como Mernissi também defendia, é uma compreensão do Islã na qual

feminismo e religiosidade não são mutuamente excludentes. Como explicita Cila Lima (2014) em seu artigo sobre o feminismo islâmico, essa é considerada uma linha metodológica:

Com relação aos ahadith, a formulação central do feminismo islâmico é de que as suas interpretações vigentes atribuem posicionamentos misóginos ao profeta; contudo, é possível enxergar esses textos sem esse caráter, como pretende a feminista islâmica turca Hidayet Tuksal, ao utilizar a metodologia de releitura para expor os ahadith misóginos como espúrios. Essa linha metodológica também foi usada anteriormente pela autora marroquina e socióloga Fatima Mernissi. Embora ela se declare feminista secular, seu livro, escrito nos anos 1980, *Women and Islam: an historical and theological enquiry* (original em francês, *La harem politique*) é considerado um dos textos pioneiros de linguagem feminista islâmica. (LIMA, 2014, p. 683)

Lamrabet usa o exemplo de um verso polêmico do Alcorão para ilustrar seu argumento. Numa primeira tradução, o verso faz uma analogia entre as mulheres e lavouras (SLIMANI, 2017, p. 64). Segundo a teórica, essa seria a tradução mais comum, porém estritamente literal. Ela diz ter buscado as condições em que se deu a construção do texto, dentro de seu contexto histórico. Ainda segundo ela, na época, o verso foi escrito para “libertar” de certas crenças moralistas e de superstições os seguidores do islamismo, grosso modo, a expressão seria uma metáfora para costumes sexuais da época. Lamrabet afirma ter encontrado uma única tradução diferente, que ao invés de usar o termo “lavoura”, fez a tradução do trecho usando como metáfora para as mulheres a expressão “uma fonte de vida”, o que, para ela, muda tudo. Perceber a analogia das mulheres com uma “fonte de vida” parece muito mais libertador do que pensá-las como uma lavoura, que deve ser explorada como aprouver ao trabalhador. Portanto, para a teórica, muitas das violências sustentadas pelo patriarcado e defendidas através de argumentações embasadas em questões religiosas são decorrentes de más interpretações ou de más traduções das palavras do profeta, sendo o exemplo citado somente um desses casos.

Tal discussão nos coloca a par de questões muito presentes no feminismo islâmico, e também nos permite compreender melhor o quão complexa é a posição dessas mulheres que não querem negar a sua crença religiosa e precisam do feminismo para defenderem-se da misoginia. Como traz outro capítulo do ensaio dedicado à ex-babá da autora, a misoginia presente em traduções como a citada acima não serve à causa do Islã, e sim à causa do patriarcado (SLIMANI, 2017).

Para além do contato com essa realidade, “*Sexe et mensonges*” nos proporciona diversas referências do mundo árabe e/ou magrebino como os escritores Mohamed Choukri, Tahar Ben Jelloun, Mohamed Leftah, Abdellah Taïa, além dos sociólogos e cineastas já citados. Ao trazer tais referências para o seu texto,

Slimani não está, provavelmente, sendo totalmente disruptiva no que tange às referências literárias e intelectuais que povoam, atualmente, as mídias e os pensamentos dos franceses mais esclarecidos. Esses escritores e intelectuais alcançaram um certo reconhecimento no mundo Ocidental, no entanto, em se tratando do Brasil, acreditamos que uma obra que traga em si todo esse aparato de referências de grandes nomes do Magrebe é muito valiosa. Nosso contato com essas culturas e, conseqüentemente, com o que é produzido intelectualmente nesses países é praticamente incipiente.

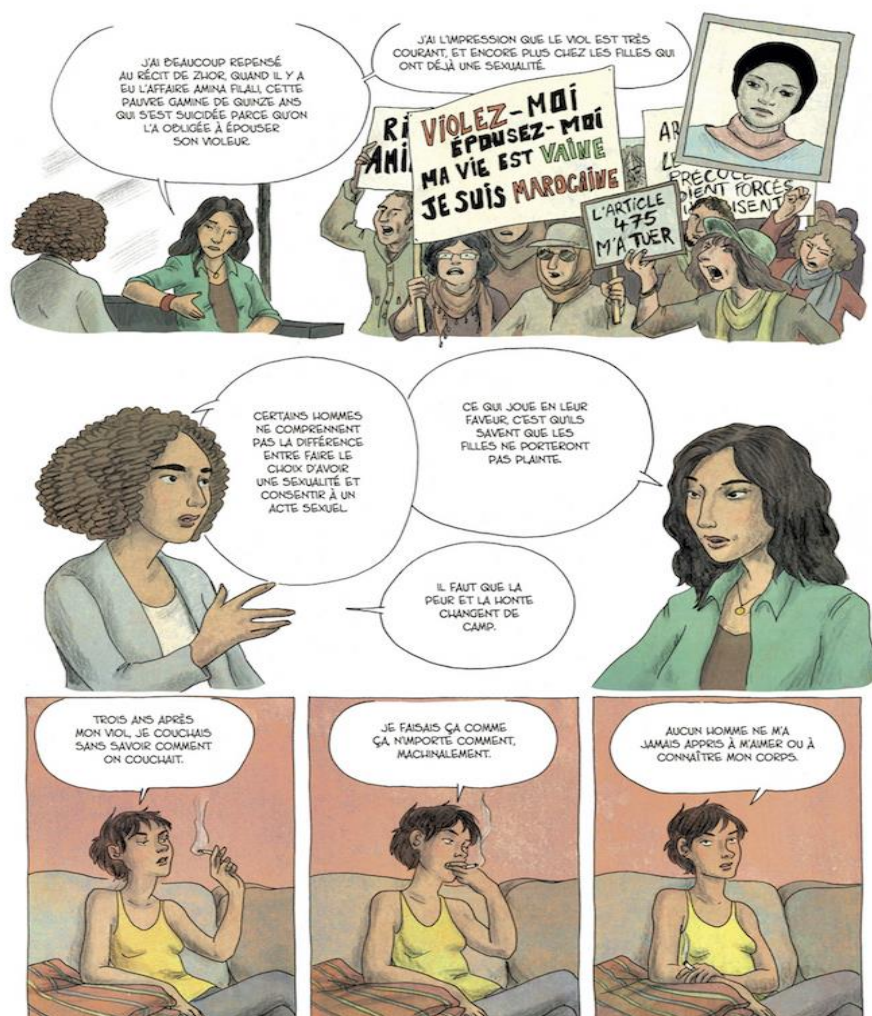
Ademais, o livro acaba abarcando diversas vozes, todas provenientes de meios sociais muito diversos. Sem dúvidas, não foram todas as mulheres marroquinas que tiveram a oportunidade de receber um espaço nessa narrativa, pois nem todas elas tiveram a chance e/ou interesse em ler o romance “No jardim do ogro”, principal veículo para que essas mulheres procurassem e se sentissem à vontade para compartilhar suas experiências com Slimani, e para que ela se tornasse essa espécie de “porta-voz” das mesmas. Do mesmo modo, a obra de Slimani é limitada por um número “x” de páginas e não poderia (e nem pretende) dar conta de todas as realidades. Todavia, a escritora parece cumprir com o objetivo que estabelece na introdução da obra: mulheres anônimas narram a si mesmas em curtos capítulos, discutem sobre questões sociais, exteriorizam angústias e insatisfações concernindo à vida e à organização social no reino marroquino.

É importante salientar, por último, que as vozes que constituem o livro são vozes que não são levadas em consideração por aqueles que governam o país ao legislarem. Essas mulheres não podem falar, não são ouvidas, posto que não são sequer consideradas como indivíduos no país em que nasceram. Mas a representação não definiu, como aponta Spivak (2010): as mulheres marroquinas compõem traços da personagem criada por Slimani em seu romance, bem como ganham voz a partir dele e posteriormente a ele na obra “Sexe et mensonges”.

4.1 De “Sexo e mentiras” à “Palavras de honra”

“Paroles d’honneur” é uma obra de histórias em quadrinho escrita por Leïla Slimani em parceria com Laetitia Coryn, uma ilustradora e quadrinista francesa, em 2017. Na obra gráfica, “Sexe et mensonges”, lançado no mesmo ano, é transcrito em uma nova linguagem: a visual. Através das figuras criadas por Laetitia todos os diálogos e confissões do ensaio que acabamos de discutir adquirem rostos, corpos, cores e um cenário, segundo plano onde tudo se passa. Ou ainda, nas palavras de Slimani, eles adquirem uma geografia: a do Marrocos, não tão conhecida no

Ocidente quanto se pode julgar. A obra foi lançada pela editora “Les Arènes” e conta com uma única edição. Ver imagem 1.



22

(SLIMANI e CORYN, 2017, p. 22)

Na imagem, o diálogo da seção intitulada “Nour” (SLIMANI, 2017, p. 27) do livro “Sexe et mensonges” acerca do caso da jovem que se suicidou após ter que se casar com o seu estuprador, e os protestos decorrentes da repercussão do caso – do qual tratamos anteriormente – são passadas para o formato dos quadrinhos. Podemos ver uma reprodução dos protestos que resultaram na revogação de um artigo do código penal marroquino. Na figura protestantes levantam cartazes onde podemos ler frases como “o artigo 475 me matou”.

No formato de HQ a obra se torna mais atraente visualmente, como imaginamos ser a intenção das autoras, ganhando um alcance maior e conquistando públicos que no formato de ensaio talvez não conquistaria, como o público mais

jovem, por exemplo. Infelizmente, por enquanto, nem o ensaio e nem o quadrinho possuem versões em português.

De todo modo, esse desdobramento da obra ensaística é muito importante se pensarmos que ao buscar dar voz a mulheres subalternas (Spivak, 2010), é indispensável que a acessibilidade a esses discursos também seja levada em consideração durante o processo. Outro ponto é que, para mulheres que não são comumente representadas, atribuir rostos, roupas e atributos físicos, de modo geral, ainda que em ilustração, é bastante relevante. Sobre subalternidade, o direto à palavra e representação, falaremos melhor no tópico a seguir.

5 Uma possibilidade de escuta das vozes subalternas

Um perigoso modo de representação do qual Slimani tenta se desviar é o de buscar descrever as mulheres marroquinas, seus embates e suas visões de mundo. Fazê-lo seria incorrer no mesmo erro cometido pelos representantes ocidentais que constituíram os discursos hegemônicos. Ao invés disso, a escritora opta por transcrever os testemunhos das mulheres com quem falou, dando a elas o direito de descreverem a si mesmas, em certa medida. O prefácio da obra de Spivak, escrito por Sandra Regina Goulart Almeida, aponta algo que nos parece preponderante a ser observado em uma obra com as pretensões de “*Sexe et mensonges*”:

(...) Spivak aborda o lugar intrincado e inquietante ocupado pelas mulheres no contexto pós-colonial. E mais, ao relatar a história de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar e, logo, não pode falar fora do contexto patriarcal e pós-colonial, Spivak exemplifica seu argumento de que o subalterno, nesse caso especial, a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir. É, principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual. (SPIVAK, 2010, p. 15)

A voz de Slimani está, evidentemente, presente em todo o ensaio, do momento de escolha dos relatos que seriam publicados, até a ordem em que foram organizados na obra, isso sem citar os comentários da própria autora que se intercalam aos testemunhos. No entanto, o seu trabalho parece ser um trabalho consciente de suas virtudes e limitações. A autora chega até mesmo a tocar no problema do lugar de enunciação quando diz:

Os conservadores falam com muito desprezo daquilo que eles chamam de “correntes laicas”, os modernistas, os que reivindicam o progresso, palavra sobre a qual eles parecem cuspir. Para eles, eu evidentemente faço parte de uma elite ocidentalizada, gozadora de privilégios e desconectada das realidades da maioria dos meus concidadãos. Mas isso é o suficiente para me subtrair toda legitimidade? Devo eu, a partir disso, como uma grande parte da burguesia marroquina, me contentar em viver no segredo? Gozar, no meu espaço privado, de liberdades, todavia proibidas pela lei? Comportar-me, porque tenho as condições para tal, como eu quiser nos espaços públicos reservados para as pessoas provenientes do meu meio social? Eu acreditei nisso durante muito tempo. Eu cedi durante muito tempo à ideia de que querer impor a minha visão decorria de uma certa condescendência. Hoje penso que só importa a legitimidade daquilo que defendo. Apoio-me em valores universais e refuto completamente que a identidade, a religião ou qualquer que seja a herança histórica, destitua indivíduos de direitos que são universais e inalienáveis. (SLIMANI, 2017, p. 131. Tradução nossa.)

Ora, ela não só se posiciona, como reclama o reconhecimento do direito que tem de posicionar-se, afirmando a legitimidade de sua opinião enquanto a opinião de uma mulher assumidamente privilegiada nas sociedades em que transita, sobretudo no Marrocos. Para além da consciência de seu lugar de enunciação, Slimani cria, na obra em questão, um espaço de autorrepresentação para as mulheres marroquinas, permitindo-as relatar suas experiências e exprimir suas opiniões acerca dos problemas que concernem à sexualidade no país. Entretanto, algo que talvez não seja feito pela autora, ou ao menos não foi colocado no texto de forma clara, é um questionamento sobre os limites representacionais dessas mulheres. Talvez a consciência disso esteja presente na escolha do formato da obra, mas isto é apenas uma conjectura que podemos fazer, se essa foi ou não uma preocupação da autora é algo que nos escapa.

Outro fator presente nas obras da autora é a consciência do Orientalismo (SAID, 2007) enquanto uma categoria criada pelo Ocidente, e a busca por escapar aos estigmas e clichês orientalistas impostos às mulheres não-ocidentais. Ainda na introdução de “*Sexe et mensonges*”, ela comenta a reação de jornalistas franceses após o lançamento de “*No jardim do ogro*”: “Era como se, culturalmente, eu devesse ser mais pudica, mais reservada. Como se eu devesse me contentar em escrever um livro erótico com toques orientalistas, como uma digna descendente de Sherazade.” (SLIMANI, 2017, p. 8. Tradução nossa.). Uma leitura rápida do livro permite constatar que a narrativa da vida de Adèle distancia-se muito disso, Slimani escreve de maneira crua, direta, suas descrições são quase cirúrgicas. Em “*Canção de Ninar*”, a mulher de classe média, advogada e mãe das duas crianças é marroquina, enquanto a babá é francesa. Não há nenhuma descrição estigmatizante dessa mulher, e, não fosse uma pequeníssima descrição – de duas ou três linhas – de ornamentos que ela gosta de

manter em seu apartamento parisiense, não saberíamos de sua origem. Em “*Sexe et mensonges*” a autora reforça essa ação deliberada de subversão das expectativas e dos clichês a respeito de mulheres não-ocidentais, permitindo, dessa vez através de um texto não-ficcional, que mulheres marroquinas falassem sobre sexualidade e sobre suas experiências com seus próprios corpos, e, conseqüentemente, com as violências impostas sobre os mesmos.

Em contrapartida, se há algo em que a empreitada de Slimani torna-se equívoca e entra, talvez, em desacordo com teorias que usamos aqui (como a do Orientalismo de Said e com a visão de Mernissi), é quando a autora deixa de complexificar o universal. Ao falar em ideias de liberdade e igualdade, em direitos universais e inalienáveis, pautando-se em exemplos ocidentais, talvez Slimani – conscientemente ou não – deixe de considerar as contradições do próprio Ocidente em relação aos “direitos universais e inalienáveis” como “direitos do homem e do cidadão”, por muito tempo pregados e aceitos como revolucionários dentro das sociedades ditas democráticas, mas sem questionar: e quem são os Homens? As mulheres também estão incluídas na categoria de sujeito gozador de direitos? Quem é considerado cidadão? Muito embora esse seja um ponto de grande tensão nessa obra, optamos por não entrar nesse mérito neste artigo, precisamente por tal discussão não se encaixar nos objetivos traçados para essa análise.

6 Considerações finais

Acreditamos que a obra de Slimani, em sua integralidade, seja de grande interesse para a literatura e, particularmente, para a crítica literária feminista. Não só por se tratar de uma autora que escreve de um lugar de enunciação marcadamente feminino, mas pela escolha de seus temas, por seu engajamento e por sua presença “fronteiriça” entre isso que as culturas, ainda hoje, contribuem para cindir em dois mundos opostos: o Ocidente e o Oriente.

Não precisamos nos ater ao campo literário para perceber o interesse no conhecimento dos textos dessa autora. “*Sexe et mensonges*”, o ensaio do qual tratamos em mais detalhes no presente artigo, é uma importantíssima contribuição para estudos interseccionais e interdisciplinares, seja do ponto de vista da recepção literária – como uma espécie de produção, pela própria autora, dos efeitos da recepção de seu primeiro romance no Marrocos, seja do ponto de vista dos estudos sociológicos. Essa é uma obra muito abundante em possibilidades de análise.

O fato de que autora tenha se preocupado em dar voz a outras mulheres, as subalternas de Spivak, ou mulheres do “Terceiro mundo”, já é uma boa razão para

que lhe concedamos um olhar mais demorado e atento. O projeto desdobrado a partir dessa compilação de relatos em formato ensaístico, a HQ “Paroles d’honneur” (2017), também exerce um papel importante no que tange à representação de mulheres silenciadas cultural e politicamente, como pudemos apontar brevemente.

Esperamos, portanto, que com essa discussão tenhamos contribuído tanto para uma compreensão mais global das discussões trazidas pela obra da autora, como também, e até mesmo antes disso, para incentivar o interesse do público brasileiro e a contínua tradução de suas produções. “Sexe et mensonges”, por exemplo, é um texto ainda sem tradução para o português brasileiro, assim como “Paroles d’honneur”.

Referências

- ADELMAN, Miriam. Feminismo e pós-colonialidade: algumas reflexões a partir da teoria social e da literatura. Em: Leituras em rede: gênero e preconceito. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- EPSZTAJN, Didier. « Leila Slimani : Sexe et mensonges. La vie sexuelle au Maroc », Nouvelles Questions Féministes, vol. vol. 37, no. 2, 2018, pp. 119-122. Disponível em: https://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=NQF_372_0119
- LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 675-686, Aug. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 3 de maio de 2020.
- MERNISSI, Fatima. “Sonhos de transgressão: Minha vida de menina num harém”. Tradução Carlos Sussekind. São Paulo: Cia das letras, 1996.
- SAID, Edward. “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das letras, 2007.
- SLIMANI, Leïla. “Sexe et mensonges – La vie sexuelle au Maroc”. Paris : Éditions des Arènes, 2017. Versão EPUB.
- _____. “No jardim do ogro” Tradução Gisela Bergonzoni. São Paulo: Planeta, 2019.
- _____. “Canção de ninar” Tradução Sandra Stroparo. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2018.
- _____ e CORYN, Laetitia. “Paroles d’honneur”. Paris : Editora Les Arènes, 2017.
- SPIVAK, Gayatri “Pode o subalterno falar?” Editora UFMG, 2010.



The representation has not withered away: “*Sexe et mensonges*” and the denunciations against sexual misery in Morocco

A B S T R A C T:

This piece of paper intends to present to the Brazilian public the work “*Sexe et mensonges*” from the french-moroccan writer Leïla Slimani. The essay presents discussions about the sexuality in Morocco, being mostly constituted by reports of Moroccan women living in the country by the year of 2015. A resume of the work, still without translation into Portuguese, will be presented, as well as a brief analysis of some of his constitutive aspects. We will use the theories of Spivak (2010) about the place of enunciation and representation of subaltern women, along with Said’s (2007) theory concerning Orientalism. We will also use the works of sociologists Mernissi (1996) and Adelman (2007) to enrich our analysis.

KEYWORDS:

Sexuality;
Morocco;
Feminine representation